

A SEMÂNTICA DO LIXO, O ESTÍMULO À RECICLAGEM E O TRABALHO DOS CATADORES DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE SIGNIFICADO E AÇÃO ECONÔMICA.

Maria Scarlet F. do Carmo (pesquisadora, EBAPE-FGV);

José Antonio Puppim de Oliveira (professor adjunto, EBAPE/FGV), e

Carmen Pires Migueles (professora ESPM e professora visitante EBAPE/FGV).

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. METODOLOGIA

3. DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO: A DINÂMICA DE TRABALHO, A ROTINA DOS CATADORES E O SIGNIFICADO SOCIAL DO LIXO

4. CONCLUSÃO

RESUMO

O modelo de cooperativas de catadores de recicláveis tem se mostrado como alternativa viável para a resolução de problemas relativos ao acúmulo de rejeitos. Entretanto, ao se pensar nesta atividade deve ser levada em conta a relação daqueles que trabalham nesta atividade com o seu trabalho. Com o objetivo de estudar tal relação, é que se realizou a presente pesquisa sobre os catadores de reciclados da cidade do Rio de Janeiro e a semântica por eles atribuída ao lixo. Acredita-se que o desempenho na implementação de projetos ligados à reciclagem esteja diretamente ligado à conscientização acerca importância tarefa de catador e do significado atribuído ao lixo pelas diversas camadas sociais. Acreditando-se que tal significado interfere no estímulo quanto ao desempenho da atividade de catador.

PALAVRAS-CHAVE

catador de recicláveis, cooperativa, estigma, olhar, universo simbólico, representações sobre o trabalho, identidade social.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de um esforço mais amplo por compreender a relação entre instituição, cultura, significado e organização das atividades econômicas. É sabido que questões relativas ao processo de desenvolvimento econômico são muitas e de enorme complexidade. Historicamente, a economia tem buscado, através de abordagens racionais e instrumentais, compreender a lógica e a dinâmica deste processo quase que exclusivamente pela perspectiva da natureza dos recursos e incentivos. Atualmente, questões como cultura e instituições tem ocupado lugar de destaque nestes debates. Falta, no entanto, isolar aspectos relevantes destes dois fenômenos sociológicos, e relacioná-los de modo consistente às questões relativas ao desenvolvimento econômico.

Tentaremos, aqui, estabelecer algumas relações sobre estas questões a partir do estudo de caso das cooperativas de catadores de material reciclável da cidade do Rio de Janeiro, procurando compreender a relação entre significado, a forma como as pessoas se relacionam com a reciclagem e a imagem do catador. Ao falarmos de imagem aqui estamos falando de dois processos mutuamente dependentes: a imagem social do lixo e da atividade de reciclagem, e a forma como esta imagem relaciona-se ao trabalho de catação e é apropriada pelos catadores na constituição da sua identidade profissional e auto-imagem.

Observações preliminares apontam para o fato da reciclagem ser percebida socialmente como uma atividade degradante, e estar, por esta razão, restrita às pessoas de mais baixa renda e que a executam como forma de complementação de rendimentos. Ao contrário de países como Japão e Alemanha, em que a reciclagem tem significados sociais positivos e relacionados à ação cidadã, no Brasil as conotações sobre esta atividade estão mais diretamente relacionadas à realidade da necessidade econômica de sobrevivência.

As conseqüências disto são duas: um não envolvimento com a reciclagem de forma direta, por parte das classes mais ricas, produtoras de lixo mais nobre, o que piora a qualidade do lixo produzido (pelo contaminação dos materiais misturados na fonte); e uma imagem social negativa do lixo, que “transborda” para o trabalho de catação, associando este à idéia de nojo e degradação social. Uma vez “contaminada” simbolicamente, a imagem do trabalho de catador afeta negativamente a formação de uma identidade profissional e a conseqüente constituição de subjetividades pró-ativas por parte dos envolvidos nesta tarefa. Construir carreira ou inserção social através da catação não é percebido como um projeto de vida por boa parte dos envolvidos nesta atividade, dificultando a organização viável de cooperativas. Para estes agentes, a inserção social e o sucesso profissional não se dão através da catação, mas sim da capacidade de se engajarem em outras atividades econômicas. Isto impede tanto os catadores de se beneficiarem, como poderiam, das oportunidades econômicas da reciclagem bem como o sucesso das cooperativas. Há, portanto, nos parece, uma relação entre o significado social do lixo e a não utilização plena do potencial de negócios neste setor.

Mediante estudo preliminar, através de uma pesquisa exploratória baseada em observação participante, percebemos que parte das adversidades do trabalho dos catadores é devida à dificuldade da sua organização em cooperativas, à falta de confiança entre eles, ao significado do lixo e de como este significado é transferido para o catador. Estas dificuldades impedem que outras sejam resolvidas, como a melhora na gestão, o acúmulo de recursos que permitam reinvestimento e expansão das áreas de armazenamento, e a criação de estratégias de logística reversa, que levem o lixo de volta ao ciclo de produção de forma economicamente viável.

A existência de uma inter-relação entre natureza das instituições, cultura e capacidade de geração de riquezas em uma sociedade não é novidade. Adam Smith já reconhecia a interação entre o processo de enriquecimento e as mudanças políticas e

sociais. David Ricardo apontava para a importância de desenvolver nos trabalhadores um gosto pelo conforto e pelo luxo como forma de incentivo. Malthus, por sua vez, acreditava que aumentos de salário e educação pública de qualidade levariam à redução das taxas de natalidade, diminuindo, assim, a pressão pela produção de alimentos. Muitos autores contemporâneos remetem tal discussão à natureza das instituições de uma sociedade, especialmente à existência ou não de conceitos como indivíduo e liberdade (North, 1990). Estudos em sociologia das sociedades contemporâneas mostram que as instituições estão ancoradas em processos simbólicos mais profundos, e que deles derivam a sua lógica estrutural (Lipovetsky, 1987; McCracken, 1990; Slater, 1997; Miller *et al.*, 1998; Douglas, 1998; Slater e Tonkiss, 2001). Várias questões, que vão desde a construção social da identidade e de estratégias narrativas do eu até a construção de laços de sociabilidade e estratégias de competição social, são estruturadas por esta lógica simbólica. A cultura material também é ordenada por este processo simbólico.

O modo como nos relacionamos com o mundo material é carregado de significados. Estes significados estão, por sua vez, relacionados à forma como os objetos estão inseridos nas relações sociais. A dificuldade que as correntes de pensamento liberais tem com esta questão refere-se ao fato de, nestas, o ser humano ser considerado como sendo composto, apenas, por uma realidade psíquica e moral (Slater, 1997 e Parekh, 2000), o que impede uma compreensão deste como um ser social e de cultura também, e, portanto, traspassado pelos significados sociais em sua percepção de mundo.

O entendimento desta relação é fundamental para que se perceba como o significado social do lixo pode afetar os processos de formação da identidade, e a motivação dos sujeitos para trabalharem com este.

Tentaremos demonstrar que o significado social do lixo afeta a forma como os sujeitos relacionam-se economicamente com este. Acreditamos que uma atribuição de novos significados ao lixo teria efeitos positivos tanto para o meio ambiente quanto para a geração de emprego e renda. A associação da reciclagem e da coleta com o meio ambiente e a ação cidadã em amplas campanhas educacionais podem ser a fonte destes novos significados sociais positivos, incluindo o catador não apenas econômica, mas, fundamentalmente, social e simbolicamente.

Segundo a primeira edição do suplemento “Catadores de Vida”, a atividade de catador de material reciclável no Brasil apesar de existir há mais de 50 anos, só na última década é que vem ganhando destaque. E embora tenha sempre sido realizada informalmente, tal como a de vendedor ambulante, começa a se tornar mais organizada, seja pela formação de cooperativas, seja pela luta que vem realizando para o reconhecimento desta atividade como profissão (Catadores de Vida, 2002). Chama a atenção, no entanto, o fato deste movimento de organização não partir dos catadores, ou dos diretamente interessados na atividade econômica da catação, mas da ação da própria COMLURB, no caso da cidade do Rio de Janeiro e de ONGs, como o IBISS (Instituto Brasileiro de Inovações em Saúde Social) e a Cáritas Brasileira, que procuram dar apoio seja mediante a tentativa de organização desses catadores, seja auxiliando na reforma de instalações, seja dando suporte em relação à saúde e prevenção.

Porém, nesse processo de consolidação das cooperativas, nota-se uma enorme dificuldade destas se tornarem viáveis economicamente e auto-sustentáveis, além da tendência permanente de serem dominadas ora por um grupo específico de catadores, ora por sucateiros e atravessadores em geral.

Embora o lixo fosse uma questão preocupante desde a Idade Média, segundo Rodrigues (1995), a primeira vez que se ouviu falar de “expulsão” do lixo dos centros urbanos data de 1779 - caracterizado por ser ainda praticamente orgânico. Somente no século XIX que o trabalho como “lixeiro” surge na França, sendo que em 1846 o lixo passa a ser considerado como algo que demandasse orçamento e cuidados próprios. Apesar de haver regulamentações a respeito do lixo muito antes do século XIX,

conforme Lewis (*apud* Burke, 2001), somente com o aumento da densidade populacional que ele começa a ser levado mais a sério. Assim, o lixo foi sendo afastado dos grandes centros concomitantemente às atividades consideradas sujas e ruidosas, tal como os açougueiros e ferreiros dentre outros (Idem).

O lixo passa a existir como resíduo sólido com a industrialização. É com a Revolução Industrial que o lixo deixa de ser produzido em pequena quantidade pelas famílias (como as sobras de alimentos) e seu acúmulo começa a gerar uma grande soma de resíduos nas áreas urbanas. Neste momento instaura-se a “era dos descartáveis”, em que a produção de dejetos vai se dar com tamanha rapidez, o que leva a uma escassez de locais para o seu armazenamento. A era dos descartáveis marca o início da produção de lixo inorgânico, proveniente da produção de objetos de consumo em larga escala e do aumento da densidade populacional (Rodrigues e Gravinatto, 2002).

Segundo Seroa (1998) a reciclagem diminui não só a expansão de aterros sanitários como também a demanda por recursos naturais mediante a maior oferta de matéria prima reaproveitável. Todavia a reciclagem ou reaproveitamento não é uma idéia recente. Ela já havia sido implantada por empresários no século XVIII em Roma, que lucravam não só ao garantirem a limpeza das ruas, como também ao venderem os dejetos humanos e animais como adubo (Burke, 2001). Sendo que no Brasil a atividade de catador sempre fora realizada por imigrantes desde o século XIX, os quais participaram atualmente no domínio desse comércio no Brasil.

O trabalho como catador tem permitido que uma considerável parcela da população brasileira se veja inserida no mercado, mesmo que ainda informalmente(1). Segundo Freire (2002), um terço dos moradores de rua de São Paulo sobreviveriam da catação. O CEMPRE (Compromisso Empresarial para Reciclagem) estima que cerca de 150 mil pessoas sobrevivam da catação de latas de alumínio e um tanto ainda maior da de papel e papelão, com rendimentos que podem chegar a 978,00 por mês em todo o Brasil (Boletim do Cempre, 2000). Dados do IDEC (Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor) dão conta de que são recolhidos cerca de 230 mil toneladas diárias de lixo urbano, sendo que, segundo pesquisa realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) 68% do lixo recolhido em municípios com cerca de 20 mil habitantes são despejados em lixões ou alagados. Na cidade de São Paulo a quantidade de lixo produzida chega a cerca de 15 mil toneladas diárias, em que 73% provem das casas – variando de 800 gramas a 1,3 quilo por pessoa, de acordo com a classe social, chegando a 2 quilos no caso das classes mais altas. Desse montante produzido pelas famílias, metade trata-se de lixo orgânico, sendo que a outra parte é quase praticamente composta de materiais recicláveis (IDEC em Ação, 2003).

Poucos são, entretanto, os municípios brasileiros que possuem um programa de coleta seletiva. São Paulo é o estado com maior número desses programas (N=57), seguido pelo Rio Grande do Sul (N=42), Santa Catarina (N=22), Minas Gerais e Paraná (N=18) e o Rio de Janeiro (N=9). Sendo o Brasil um país composto de 5.561 municípios, percebe-se que somente 3,5% desse universo possui programas de coleta seletiva (Idem).

Na cidade do Rio de Janeiro há cerca de 430 pequenos e médios produtores de reciclados (cooperativas, pequenos depósitos e sucateiros), 12 grandes intermediários que compram reciclados e cerca de 18 indústrias. Há também três usinas: a de Gramacho; a de Irajá e a do Caju. Pesquisa realizada quando do início do programa das cooperativas de catadores avaliou que existem cerca de 10 mil pessoas vivendo entre o lixão e a rua no Rio de Janeiro. Em contrapartida haveria cerca de 2.500 pessoas organizadas em cooperativas, sendo que, por tipos, ou áreas de trabalho, os catadores estariam assim distribuídos: Cooperativas (46%); Aterros (40%); Usinas (14%) (Brito, 2001).

Levantamento realizado em dezembro de 2000 mostra que o ganho de produtividade por catador na cidade do Rio de Janeiro, em todas as cooperativas, varia

de R\$312,00 a R\$4.999,00. Sendo que o salário dos enfardadores é fixo: de R\$ 670,00 a R\$700,00, de acordo com a pessoa e o local de trabalho (Idem).

2. METODOLOGIA

O método empregado foi o etnográfico, baseado em observação não participante, durante os meses de junho a agosto de 2002, complementado por entrevistas em profundidade e questionários semi-estruturados (N=17). A observação direta foi realizada em um dos núcleos da Cooperativa de Catadores da Zona Sul (Coopersul). O objetivo geral foi a compreensão das categorias dos próprios sujeitos a respeito das suas práticas. Nesta os comportamentos observados foram sistematicamente anotados, assim como trechos de diálogos que relacionavam-se com o interesse da pesquisa. Os dados foram categorizados e tratados qualitativamente, através de uma perspectiva semiótica, em um esforço interpretativo, para compreender as conotações em seu contexto simbólico (ver Eco, 1997; Geertz, 1989). As entrevistas em profundidade foram realizadas com pessoal diretamente (N=3) envolvido nesta tarefa. Além de pessoal ligado à área administrativa das cooperativas (N=1), à COMLURB (Companhia Municipal de Limpeza Urbana) (N=3) e à uma ONG (organização não governamental) de suporte aos catadores (N=1). Tais entrevistas tiveram o objetivo de ampliar o entendimento das categorias de percepção e dos comportamentos observados a partir da perspectiva dos informantes selecionados.

Como o objetivo da pesquisa foi compreender os significados atribuídos ao trabalho, métodos qualitativos foram preferidos uma vez que os quantitativos não produzem o entendimento esperado do fenômeno. Como o método etnográfico é indutivo, a sua validade é direta, na medida em que não se propõe a comprovar hipóteses e sim compreender e interpretar a realidade observada.

3. DESCRIÇÃO DA POPULAÇÃO: A DINÂMICA DE TRABALHO, A ROTINA DOS CATADORES E O SIGNIFICADO SOCIAL DO LIXO

1. Dinâmica de Trabalho, Organização das Atividades e Grupos Envolvidos:

O trabalho dos catadores tem peculiaridades que serão tratadas abaixo para que se conheça melhor a sua dinâmica. Estas peculiaridades influenciam a forma como os catadores se organizam para produzir, afetam o retorno que pode ser obtido pelo trabalho e pelas estratégias de organização.

1.1 Distância, a primeira dificuldade:

No núcleo da cooperativa da zona sul, onde o trabalho de campo foi realizado, observou-se que a maioria das pessoas envolvidas na tarefa de catador mora em local distante (Vigário Geral, Nova Iguaçu), ao contrário do que ocorre na zona oeste, onde elas morariam mais próximas dos locais em que realizam a catação. No caso da zona sul, uma das justificativas para que pessoas venham de tão longe para trabalhar neste local é o fato de haver um consumo intenso e conseqüente descarte de material com elevado índice de aproveitamento. A distância do local de moradia leva a que muitos permaneçam nos arredores das cooperativas durante a noite sob a alegação de que perderiam muito tempo se retornassem para casa todos os dias. Outro fato que justifica este hábito é o de que o custo da passagem é elevado, tornando a atividade menos rentável.

“É que eu gasto 10,00 pra ir pra minha casa. Eu moro em Miguel Couto [Nova Iguaçu]. Durmo na rua, antes dormia aqui dentro[da cooperativa], agora durmo ali fora, debaixo dos carrinhos. Daqui de dentro só eu que durmo ali, mas tem um monte de gente aí fora que faz isso.” (catador)

Numa segunda-feira este mesmo homem comenta: *“Levantei hoje três da madrugada, não durmo direito. Eu sou o primeiro a chegar no ponto de ônibus. No ônibus eu durmo [faz uma careta], mas não durmo direito.”* Entretanto, outra razão que justificaria este hábito é a de que à noite há um maior descarte de papel nas ruas por parte do comércio, fazendo com que permaneçam nos arredores a fim de se anteciparem ao caminhão da COMLURB que passa para recolher o lixo. Após esta tarefa eles estacionam o “burro sem rabo” (2) nas imediações da cooperativa até que amanheça e eles possam pesar o que foi recolhido à noite. Como trabalham muitas vezes em grupo as chances de furtos são menores.

O fato de morarem próximo ou distante da catação gera, como consequência, catadores com perfis diferenciados assim como distintas formas de organização e divisão do trabalho. Da mesma forma, o nível de aproveitamento do material descartado depende da localização, pois vai estar diretamente relacionado às atividades e ao consumo de cada região. Na área correspondente ao centro, afirma-se que quase 90% do lixo é reaproveitável, enquanto que na zona sul estima-se que apenas 10% é explorado. No primeiro caso trata-se de local caracterizado pelo enorme descarte de material de escritório, já no segundo além de haver um consumo doméstico, existe também descarte de material proveniente de mercados, lojas. Quanto à região oeste a coleta, por ser domiciliar, faz com que o catador ande mais a fim de obter uma quantidade vendável. Cabe salientar que a relação entre volume de material e distância do local para venda deve ser considerada a fim de avaliar se os reais ganhos são compensadores para o catador.

Em regiões com maior descarte de material geralmente existe competição entre os catadores pela obtenção de “pontos” melhores – o que torna o ambiente de catação nestas regiões mais hostil e com menos cooperação. Além de possíveis brigas, eles têm que conviver também com o problema dos assaltos e do tráfego intenso. Fruto da realidade específica desta tarefa, no centro e zona sul, os catadores têm uma dinâmica de trabalho característica e distinta daqueles zona oeste. Nas duas primeiras regiões, apesar do descarte de material ser maior a relação entre estes e os fornecedores é impessoal, enquanto que no segundo caso há uma maior proximidade entre o catador e as pessoas que descartam o material (3).

A produção do catador além de estar atrelada ao local de catação, têm também uma dinâmica sazonal influenciada pela oscilação do consumo da população. Em épocas do ano marcadas por um comércio mais intenso ocorre um aumento na produção do catador e o inverso nas épocas de menor atividade comercial.

1.2. Estrutura familiar e disciplina laboral:

Os catadores que possuem estrutura familiar são, em geral, mais acessíveis aos projetos voltados para implementação das cooperativas propostos pela COMLURB, uma vez que costumam ser mais assíduos nesta tarefa e seguem mais de perto as normas estabelecidas.

“Os que têm mais consciência são o pessoal que já tem casa, porque ele tem a família agregada, ele sabe que tem que dar condições para uma família. (...) O pessoal que já tem a casa, não fica dormindo na cooperativa.” (ex-catador)

De acordo com nossas observações parece haver uma relação íntima entre organização familiar e referências sociais com a disponibilidade subjetiva dos sujeitos

para o trabalho mais ordenado e sistemático. Disciplina e compromisso com a atividade são fatores fundamentais para o sucesso da organização e determinam a maior inclusão/exclusão no âmbito das cooperativas e o melhor resultado econômico da atividade. A família parece ser o elemento fundamental motivador desta disciplina, pois fornece um significado maior para este trabalho considerado degradante por boa parte dos entrevistados.

1.3. Desagregação social e familiar e forma de ação econômica:

A região da zona sul e do centro por apresentarem vantagens em relação aos aterros e zona oeste, atraem catadores dispostos a disputar espaço e enfrentar as adversidades da vida na rua. Estes catadores, no entanto, segundo alguns Coordenadores do Programa de Cooperativas da COMLURB, muitas vezes não têm família estruturada e parecem mais propensos ao alcoolismo e à violência.

Segundo Dejours (1987), a família seria uma autoridade importante no processo de disciplina do operário. Um dos catadores entrevistados alega que a existência de uma família sempre os “*chama à responsabilidade*”. Ou seja, da mesma forma que este cuida para que nada falte em casa, a família se encarrega de lhe garantir bem estar - muitos se apresentam com roupas limpas e passadas. O sustento da família parece ser para estes o significado e a razão maior que os motivaria para o trabalho, estando a natureza da atividade e a sua percepção social subordinada a este valor maior. Já os catadores sem família relacionariam-se com a catação como alternativa de sobrevivência, porém não relacionada a significados maiores.

1.4. Organização das Atividades:

Para facilitar a organização das cooperativas, de modo a permitir uma maior autonomia e condição de trabalho por parte dos catadores, a Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro apoiou a formação do Programa de Cooperativas de Catadores, pela COMLURB no final de 1993(4), cedendo além do espaço, sob forma de comodato(5) com prazo de dois anos renováveis, instalação elétrica, sanitários feminino e masculino, refeitório e uma sala para escritório(6). Quanto aos equipamentos, necessários para o processo de armazenamento (prensa, balança etc.), estes até o momento têm sido fornecidos pelos intermediários ou responsáveis pela compra do material, ou sucateiros.

O propósito da formação de cooperativas é o de permitir que, ao material coletado pelos catadores, seja agregado um valor, mediante o acúmulo, o que torna o transporte economicamente viável. A escala é um elemento fundamental de viabilização e as cooperativas mais organizadas progridem na direção de tornarem-se pontos de recepção do material coletado tanto por cooperativados quanto por não cooperativados. Embora a COMLURB forneça a infra-estrutura básica e o apoio técnico na organização das cooperativas, ela não interfere nas questões relativas à gestão interna.

Para que um catador se torne um cooperativado ele deve aceitar as normas e os princípios da cooperativa, que seriam: adesão voluntária e livre; gestão democrática; participação econômica dos membros; autonomia e independência; educação, formação e informação; intercooperação(7); e interesse pela comunidade (Teixeira, 2000; Brito, 2001).

Na primeira fase dos esforços de implementação destas cooperativas e como parte do empenho para fazer com que estas obtivessem êxito, houve um excesso de centralização e controle por parte da COMLURB que parece ter sido a causa do afastamento de muitos catadores deste projeto. O reconhecimento da ameaça desta forma de gestão inicial levou a COMLURB a redirecionar o programa com a divisão das cooperativas por áreas e criação de núcleos autônomos, que, no entanto, vêm apresentado dificuldades de autogestão. Como cada área ficou sob responsabilidade de uma liderança

específica tal fato vem dificultando o aprimoramento do modelo bem como a comparação entre os vários núcleos.

“Hoje você vê uma média de 480 catadores na rua, catando papel. Setenta a 80% deles já passaram por cooperativas e não querem voltar. Porque antes de entrar para uma cooperativa, ele tirava, vamos supor, em média 150,00 por semana, depois que ele entrou começou a tirar 50,00 ou 60,00. Via que não tinha vantagem. (...) a COMLURB tem um controle de todo o lixo urbano (...) desde o momento que sai da tua casa ou prédio comercial. Então o catador tá junto com a COMLURB (...) e de repente não tá cadastrado hoje numa cooperativa não porque é difícil, é porque não quer, realmente não quer.” (ex-catador)

O resultado é que o número de cooperados varia muito de acordo com a região, fruto das características idiossincráticas das lideranças locais. As cooperativas foram divididas de acordo com a localização geográfica da cidade em: Cooperativas (Sul, Norte, Centro, Zona Oeste, Vargem Pequena, Gramacho, etc.) ou áreas de planejamento (AP-1, AP-2, AP-3, AP-4 e AP-5 respectivamente). Com esta divisão, cada área de planejamento ficou sob responsabilidade de um líder local, considerado pelos seus pares como o mais apto ou responsável dentre os demais. O líder é também o representante dos catadores junto ao Conselho de Administração e Fiscal(8). Uma vez distribuídas por áreas de planejamento estas cooperativas foram subdivididas em núcleos que se localizam em diferentes bairros da cidade, os quais são administrados por um responsável, seja ele um ex-catador ou pessoa de confiança do líder regional. Estas cooperativas pagam todos os tributos exigidos e são 100% legalizadas, com alvará da prefeitura, CNPJ (Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica), Inscrição Municipal e Estadual, Corpo de Bombeiro, Junta Comercial e OCERJ (Organização das Cooperativas do Estado do Rio de Janeiro) (Brito, 2001).

No que diz respeito à forma de organização, a cooperativa de catadores trata-se de um projeto que se pretende auto-sustentável. Entretanto, nesse processo de consolidação ela ainda necessita conquistar autonomia como a criação de centrais para recebimento dos materiais recicláveis e um trabalho de estímulo à população dedicada a esta tarefa.

1.5. Grupos Envolvidos:

O núcleo observado possui dois tipos distintos de catadores: os cooperativados, identificados pelo fato de usarem uniforme verde, e os não cooperativados. Além do catador há também uma segunda função desempenhada no interior das cooperativas que é a de enfardador., encarregado de compactar o material recolhido. Este profissional chega a produzir cerca de dez fardos diários (seja de papel, papelão ou latinhas), com aproximadamente 300Kg cada.

O fato de uma pessoa ser cooperada não significa que ela trabalhe assiduamente naquela tarefa. Pode-se observar catadores que trabalham todos os dias, podendo fazer de três a quatro coletas de material diárias, até aqueles catadores que trabalham apenas quando estão “dispostos”. Embora nem todo dia seja bom para a catação, o que também deve ser considerado. Entre os não cooperados também nota-se aqueles que costumam trazer material todos os dias, mas que preferem não se associarem às Cooperativas, e aqueles que trazem material esporadicamente. Um exemplo típico deste último grupo são os moradores de rua, que apesar de representarem uma parcela significativa dos catadores que freqüentam este núcleo, nem sempre se dedicam a isto como principal fonte de sobrevivência. Entretanto, há um outro grupo deveras significativo entre os não cooperados: os moradores da região, que estão entre aqueles que aparecem esporadicamente para deixar material acumulado tanto das próprias casas como recolhido em condomínios, vizinhanças ou bares e que, em alguns casos ajudarão no orçamento doméstico. Já os biscateiros(9), aparecem quase toda semana, uns de uniforme de trabalho, outros bem vestidos, outros não, sendo que costumam justificar

sua inserção também nessa atividade como forma de complementar o salário que já recebem em outro ofício.

Os catadores da cidade do Rio de Janeiro tem origens distintas: desde pessoas desempregadas de outros municípios, moradores de rua, a pessoas que herdaram o ofício de seus pais ou avós (*“Isso vem de geração”*). Muitos deles caracterizam-se por possuírem um baixo índice de escolaridade, outros são analfabetos. Na cidade do Rio de Janeiro haveria quatro tipos de catadores, segundo Elinor Brito diretor da COMLURB zona oeste e mentor do projeto da cooperativa de catadores(10):

1.5.1. Catador de usina ou aterro sanitário(11): separa o material proveniente da coleta urbana que, por esta razão apresenta-se misturado. Nesta tarefa eles correm riscos e têm um baixo índice de aproveitamento do material, devido à elevada contaminação do mesmo.

1.5.2. Catador de rua ou predatório de rua: agem antecipadamente à coleta do caminhão compactador a fim de rasgar os sacos de lixo para pegar o que julgam interessar, deixando o restante espalhado. Estes viveriam diretamente dessa fonte. Muitos destes moram na rua.

1.5.3. Catador (cooperado ou não): considerada como uma população que na maior parte possui já uma referência familiar, seriam mais disciplinados e organizados. Têm o hábito de não pegar o material proveniente de sacos de lixo a serem recolhidos pelo caminhão compactador.

1.6.4. Carroceiro - muito comum na zona oeste da cidade: além de trabalharem como entregadores de material de construção, entulho, frete etc. costumam também catar recicláveis para vender.

Além de dificuldades de gestão interna, outros problemas afetam as cooperativas e, conseqüentemente, os catadores: assaltos constantes, pois compram material a vista e precisam ter uma quantia razoável de dinheiro disponível para a compra do material que recebem, o que acaba sendo um alvo fácil para ladrões; dificuldades de logística reversa, de produção de capital de giro, pois a indústria tem por hábito pagar pela mercadoria com fatura de 30 a 40 dias; e os catadores querem receber o dinheiro no momento em que o entregam à cooperativa; dependência de atravessadores (ou sucateiros), devido a falta de produção de escala; alcoolismo e desagregação social na qual vive imersa boa parte dessa população. A decisão por filiar-se ou não a uma cooperativa, no entanto, parece depender da confiança na instituição mais do que em qualquer outra coisa. Maiores estudos se fazem necessários para comprovar esta percepção inicial.

Os problemas observados na gestão das cooperativas não nos parecem de solução impossível, e a viabilidade econômica do negócio parece fora de dúvida. Sem a dificuldade interna de gestão e sem as questões relativas à confiança do catador no projeto de cooperativas, seria possível acumular capital. Porém as observações demonstraram que a visão de retorno dos catadores tende a ser de curtíssimo prazo e que muito do ritmo de trabalho, especialmente dos não cooperados, é determinado pelas suas necessidades financeiras imediatas.

2. A catação, o lixo e o olhar do outro:

Muito da questão da relação entre o significado do trabalho na catação, a auto-imagem do catador e o alcoolismo foi percebida pelas ONGs que auxiliam estes grupos. No encontro estadual de catadores de São Paulo, em 2001, a Cáritas Brasileira, organizadora do evento, trazia este tema a tona com frequência nas discussões, em um esforço constante por aumentar a auto-estima do catador apelando para a idéia de que catador é o sujeito humilde mas honesto, e que prefere o trabalho na catação ao roubo, ao tráfico e à mendicância. Embora este esforço seja positivo, ao associar o trabalho na catação à única alternativa destes grupos ao crime ou à esmola, reforça, sem querer, seu significado de miséria e exclusão e, também a auto-imagem destas pessoas como não

tendo alternativa a não ser viver do lixo. O próprio fato de se utilizar a catação como um indicador de pobreza denota o tom como o assunto é tratado inclusive pela mídia, conforme constatamos anteriormente. Desta forma, acreditamos que a atribuição de novos significados ao lixo implicaria na valorização do trabalho dos catadores e de sua função social, e que esta depende diretamente do envolvimento dos diferentes segmentos da sociedade.

2.1. A catação segundo os próprios catadores:

Em diversos momentos durante a observação participante e as entrevistas, foi possível colher dados que permitem afirmar a existência de uma relação entre significado social negativo deste trabalho e ausência de uma motivação para realizá-lo como projeto profissional. Por causa destes significados negativos, o trabalho na catação é percebido como temporário e como executado por força das circunstâncias de miséria e exclusão, contribuindo para a consolidação de atitudes de curtíssimo prazo que lhes roubam a possibilidade de aumento significativo dos ganhos a médio e longo prazos.

Em alguns casos, no entanto, estes significados aparecem nuançados e associados a outras conotações mais positivas, quando associados a formas socialmente organizadas de execução, conforme podemos constatar nos dizeres abaixo:

“Eu voltei para esse trabalho, apesar de ser um trabalho meio assim...”
‘Assim como?’
“Que trabalha com o lixo.”
‘As pessoas falam? Você já ouviu algo sobre isso?’
“Antigamente, mais do que hoje. Agora mudou um pouco com a cooperativa.”
(assistente de administrador)

O depoimento acima não resume a opinião de todos os catadores, mas aponta para a relação estabelecida com esta tarefa, uma vez que este informante largou o emprego em uma multinacional para vir trabalhar na cooperativa, por ser mais rentável. No entanto, o mesmo ao mencionar a palavra multinacional, deu impressão ao observador de que aquele emprego possuía um *status* que a tarefa atual não poderia lhe dar. Não foi uma única vez que o observador constatou este tipo de depoimento, porém não poderia extrapolá-lo para a maioria. Entretanto estes estavam sendo observados do interior do núcleo de uma cooperativa. Num segundo momento pretende-se extrapolar esta observação para o ambiente externo.

Outro fato que chamou a atenção foi o de que as mulheres, que, segundo o diretor da COMLURB zona oeste, representariam cerca de 45% desta população, em geral trazem apenas latinhas. Neste ponto surgem duas questões: as mulheres trabalham em menor número na tarefa de catar papel e papelão por este se tratar de um trabalho que requer muita força física, ficando em desvantagem em relação aos homens, ou tal fato se dá devido à uma espécie de vaidade feminina, já que o trabalhador está exposto o tempo todo ao público e aos “olhares”. *“Eu não pegaria, eu teria vergonha (...) muitas mulheres eu acho que têm vergonha”*, segundo o depoimento de uma mulher que trabalha no local. Já segundo um rapaz:

“Tu não vê uma amiga que traz uma outra amiga, ou um amigo que traz uma amiga, ela não tá disposta a encarar ‘eu não, catar lixo, quê isso, tá maluco’. Então, a maior quantidade que tá vindo é de homens, então tá aumentando o fluxo de homens (...) Mas, tu vê muita mulher catando, dentro da cooperativa do Castelo o que tem mais é mulher.” (ex-catador)

Os homens em geral diziam-se pessoas que não tinham vergonha de desempenhar aquela atividade, já as mulheres mostravam sentir um certo incômodo em relação às

opiniões que ouviam dos outros (amigos, familiares) pelo fato de lidarem com “lixo”, ou seja, tomavam de empréstimo a fala dos outros em vez de assumirem um discurso próprio. A palavra lixo foi grifada, para denotar que era o termo mais freqüente de ser ouvido por pessoas que pareciam apresentar dificuldade de falar no assunto. Na opinião de um ex-catador:

“Eu faço questão de falar, em qualquer lugar que eu vá, que eu sou ex-catador, ex-morador de rua. (...) Porque, assim, é bom que a pessoa saiba com quem tá lidando (...) Amanhã ela fica sabendo que eu sou catador, que eu fui catador, que eu fui morador de rua, (...) que eu fiz isso e aquilo e deixa de ser meu amigo (...) simplesmente me exclui, entendeu?” (ex-catador)

Vê-se, assim, que o significado positivo desta tarefa é algo ainda por se construir, apesar dos avanços no âmbito dessa profissão(12). Pensar na atribuição de outros significados ao lixo deve levar em conta a semântica que os mais diversos segmentos sociais dão a ele. Esta exigência se faz mediante o fato de que versões distintas sobre a catação de lixo emerge de posições sociais também distintas. Um catador declara que a visão que eles têm de si depende muito deles próprios:

“Tem uns que se sentem rejeitados, tem outros que não se sentem é o trabalho deles, (...) têm que fazer aquilo! E ele pode ter pessoas olhando pra ele de mal jeito, mas ele depende daquilo. Então ele nunca vai se sentir rejeitado. Os que se sentem rejeitados é porque já é tendência mesmo deles.” (ex-catador)

“O próprio catador, até mesmo quem já é catador há muito tempo, tem vergonha. (...) Geralmente as pessoas de onde ele mora não sabem que ele é catador. Geralmente não dizem. (...) Maioria, nem todos. Alguns falam, conversam, mas alguns têm vergonha. (...) Agora em relação aos outros que chegam agora, esses já tem menos vergonha.” (catador)

2.2. A catação segundo pessoas que recorrem às cooperativas por uma renda extra:

Em se tratando de pessoas que juntam material reciclável para vender esporadicamente, a impressão que se tem é que há uma dicotomia: se por um lado vêm nessa atividade uma fonte de dinheiro, por outro ficam paralisados mediante o estigma que ela denota. Talvez daí a freqüência com que justificassem que era melhor fazer aquilo “*do que roubar*”, ou “*Tô nem aí*”, ou diziam que vendem para ajudar um membro da família que encontra-se doente. Neste caso não estamos tratando dos biscateiros. Grupo a parte e que, pelo fato de se utilizarem da catação como complemento da renda advinda de outro ofício, a este chamam de trabalho ou emprego, àquele não dão denominação. Quando um deles foi indagado do por que não chamar a catação de trabalho este não entendera a questão do observador.

Muitos moradores de rua também podem ser colocados entre aqueles que vêm atrás da catação em busca apenas de uma renda extra (nem todos que iam naquele núcleo, apesar de assíduos frequentadores não traziam um volume substancial para vender). Eles muitas vezes consideravam os catadores assíduos e administradores como pessoas ricas: “*Eu não tiro dinheiro daqui não, mas eles tiram sim*”. Muitas vezes não se mostravam como pessoas empenhadas nesta atividade, visto que o que costumavam trazer era uma quantidade pouco significativa em relação aos demais catadores que vendiam no local, cooperados ou não. Apesar de notarmos um julgamento, por parte deles, mediado pelo fato de constatarem que alguns tirariam mais dinheiro da catação do que outros, nos chama a atenção que não lhes ocorre que o mesmo poderia ser alcançado por eles se assumissem aquela tarefa como meio de subsistência, no entanto pareciam ter outras alternativas de subsistência.

Já no caso de pessoas de classe média, estes pareciam não ter dificuldades em darem depoimentos a respeito de estarem ali a vender material reciclável, a maioria

mostrava-se imbuída de incentivos mais relacionados ao meio ambiente e à reciclagem, diferentemente dos demais grupos, sem fazer nenhuma relação com questões econômicas ou de subsistência. Nota-se aqui que a consideração que faziam ao trabalho do catador denota uma atitude de reconhecimento deste como alguém que contribuiria para o meio ambiente. Resta saber se essa opinião é compartilhada pelo restante da sociedade, que não tem contato com uma central de coleta de material reciclável. Esta população não foi indagada sobre o assunto, tivemos acesso apenas à opinião que o catador tem a respeito dela.

2.3. O olhar do outro sobre a catação pela perspectiva do catador:

Aos catadores, quando indagados sobre o que as pessoas nas ruas diziam sobre o fato deles trabalharem com recicláveis, respondiam que tais pessoas não costumavam falavam nada, mas olhavam. De fato o observador constatou a existência de um olhar proveniente dos que estão “à parte” desta atividade. Localizada próximo a um sinal de trânsito (semáforo) em rua de fluxo de veículos intenso, era comum constatar do interior da cooperativa que um olhar proveniente de motoristas e passageiros atingia o seu interior ou sua direção. No entanto, não é possível precisar o que essas pessoas realmente olham ou no que estão pensando. Mas isso não importa, o que interessa é que haviam de dentro da cooperativa e arredores sujeitos que se diziam muitas vezes olhados enquanto desempenhavam seu trabalho. Na verdade, o que interessa é qual o significado que os catadores dão ao olhar que supõem serem a eles dirigido.

A questão do olhar do outro não é de forma alguma livre de implicações para o processo de construção da identidade. A formação do eu no olhar do Outro, de acordo com Lacan, inicia a relação da criança com os sistemas simbólicos fora dela mesma, e é, assim, o momento da sua entrada nos vários sistemas de representação (Hall, 2001). A questão do olhar é fundamental para o processo de construção da dialética das intersubjetividades, através do qual o mundo social passa a ter peso de realidade para os sujeitos que dele participam.

“Tem pessoas que olham, tem pessoas que não querem nem olhar, entendeu? Tem pessoas que fogem, se vê você vindo saem de perto, passam por uma outra rua. Acho que a sociedade tem que começar a ver assim, porque pra você fazer um trabalho bem extensivo, com coleta seletiva, que é o que se fala no momento, a sociedade tem que aprender, tem que entrar dentro duma escola, tem que ver que o catador é parceiro.” (catador)

Nas respostas recebidas quanto à impressão que a sociedade tinha do fato deles lidarem com material descartado, era comum afirmativas que apontassem a necessidade de conscientização da população como forma de valorização do catador e de incorporação do mesmo à paisagem:

“Ah, o trabalho específico com o catador eu acho importante, para valorizar o que ele faz. Mas, importantíssimo mesmo, é a conscientização dos moradores, da população.” (ex-catador)

“Eu acho que a população tem um certo receio com o catador, e acho, e é assim com todo mundo, no mundo que a gente vive hoje, né? Hoje até o carteiro bate na porta e não é bem aceito, a pessoa olha. (...) mas acho até que tá mudando um pouco isso, as pessoas já tão começando a enxergar com outros olhos.” (coordenador)

Compreender o peso dos significados sociais sobre o trabalho e a identidade é fundamental, pois - “o poder está no olhar do observador” (Lasch, 1983: 72) – o olhar de que o catador julga ser o objeto (estar submetido a) pode ter influência na sua percepção de si e consequentemente do seu ofício ou vice-versa.

3. A importância da atribuição de significados positivos à catação - o discurso do meio ambiente como forma de valorização da atividade de catação

As respostas dos dois segmentos (catadores e pessoal ligado à administração) são diferentes quando indagados sobre a relação entre este trabalho e a questão ambiental. O presidente de uma dessas cooperativas, filho de catadores e desde cedo envolvido neste contexto, pode ter ajudado a responder esta questão ao explicar que:

“A pessoa que vai fazer uma faculdade de ambientalismo, vai fazer porque gosta do meio ambiente, quer trabalhar com aquilo. A gente não, a gente vai trabalhar com lixo, porque tá atrás do dinheiro. Aquela noção de ‘ah tô protegendo o meio ambiente’ é bem pouquinho.”

Já um coordenador do programa de catadores acredita que o preconceito de quem trabalha com lixo está sendo diluído em função da valorização dos reciclados:

“As pessoas vêm com olhos diferentes o catador quando, sobretudo, ele usa os equipamentos, luva, máscara e tenta seguir técnicas de operação e normas ambientais que a gente inculca na cabeça deles para não ter risco de acidente, de contaminação, não provocar acidentes.”

Contudo, o que emerge da fala dos catadores como fator que os motiva a desempenhar esta tarefa geralmente é o dinheiro. Como se estivessem a lutar, primeiramente, pela “sobrevivência”, de modo que o discurso sobre a questão ambiental fica em segundo ou terceiro plano. Neste caso é o mesmo coordenador quem conclui:

“Que valor tem uma árvore (...) o interesse dele, material, a sobrevivência, tá em primeiro lugar. (...) Então alguns deles tem essa consciência, os demais a gente tem que estimular e levantar essa auto-estima para que eles se valorizem e valorizem o próprio trabalho.” (coordenador)

A associação do trabalho do catador com significados sociais positivos já vem sendo realizada mediante o discurso daqueles mais diretamente envolvidos nesta tarefa, porém com uma visão mais crítica da sociedade:

“O catador sabe que ele é parceiro da sociedade. A sociedade é que não tem uma educação ambiental. Tem que mostrar para a sociedade quem é o parceiro (...). Tirar essa visão de que catador é lixeiro, é mendigo, é população de rua. Ele é um prestador de serviço para a sociedade! (...) Na verdade o catador não cata lixo. Cata material reciclável. Se o catador se vê como um agente da própria natureza que tá fazendo um trabalho pro próprio meio ambiente, ele não vai ter vergonha. Mas tem pessoas que geralmente não vêem. O catador de repente pode ter essa visão, mas de repente você que não tem. (...) Eu não sou catador de lixo, primeiro eu não vivo do lixo, eu vivo do material reciclável e eu não vivo no lixo, eu posso viver do lixo.” (ex-catador)

O depoimento acima parte de um ex-catador que apela para a necessidade política de valorização da atividade de catador. É possível perceber aqui que o foco da luta deve ser no reconhecimento simbólico, na valorização da atividade de catador a partir da adoção de novos significados para esta tarefa. A fim de que possa ser considerada como uma dentre as demais exercidas pela sociedade. Terminamos com uma frase de Elinor Brito, mentor do Programa das Cooperativas de Catadores do Rio de Janeiro e que em suas palestras aos catadores costuma afirmar:

“Vocês se não são ainda, serão amanhã os operários das minas de carvão do início do século, que tinham um valor extraordinário. (...) o lugar de vocês é no céu, mas por enquanto estão no inferno ou no purgatório.”

4. CONCLUSÃO

Se o lixo, segundo Rodrigues (1995), é algo incômodo devido à sua característica amorfa, o que ameaçaria seria a ausência de forma, conforme a afirmação de Burke, para quem “lixo é simplesmente material no lugar errado” (2001:15). Se assim o é, atribuir novos significados ao lixo implicaria em atribuir nova forma ao mesmo, uma vez que valor sempre lhe foi atribuído. Da mesma maneira um trabalho sem significado social positivo, torna impossível para os sujeitos com ele envolvidos criar uma reputação e nem mesmo construir auto-estima através dos resultados que obtêm. Deste modo, o discurso de valorização do meio ambiente pode ser a base para uma atribuição de novos significados ao lixo e à catação. Uma vez confirmada a relação simbólica entre lixo e exclusão, ter-se-á bases para afirmar a necessidade de um programa de educação ambiental (dos catadores e demais coletivos sociais) como complementar ao resgate da cidadania destas populações.

Ao propor uma alternativa às análises, pesadamente marcadas pelo exemplo histórico ocidental, Sen (1999) procura associar a noção de liberdade à de busca de recursos materiais e políticos, e, ao fazê-lo, parece reconhecer que o ser humano existe imerso em teias de relações sociais não contratuais. Embora o autor não trabalhe este tema neste sentido, parece compreender as pessoas como construídas socialmente por diferentes lógicas culturais, presas a circunstâncias das quais não desejam necessariamente livrar-se, mas sobre as quais precisam influir positivamente. Neste sentido, ter poder é ter acesso a recursos materiais e políticos (Giddens *et. all.*, 1995) que permitam ao sujeito renegociar, constantemente, suas formas de inserção social e seus limites de restrição aos direitos que a vida coletiva pode impor.

Uma das maiores dificuldades das camadas mais pobres em países como o Brasil é, precisamente, a inclusão em organizações que dêem acesso a tais recursos materiais e políticos. Precisamos refletir, no entanto, se inclusão social é, ou precisa ser, construída a partir do emprego formal, em empresas já estabelecidas, ou se haveria outras alternativas de pertencimento. Mas isso não significa, necessariamente, emprego (Castel, 1998) e talvez nem mesmo propriedade. Pensar a questão da cultura em relação ao desenvolvimento econômico depende, em larga medida, da capacidade de relacionar a lógica da ação social à lógica de produção de riquezas econômicas, ou a construção de redes sociais de proteção para o sujeito (que muitos autores chamam, inspirados em Pierre Bourdieu, de capital social). A relação entre desenvolvimento econômico e cultura foi estabelecida, originalmente, por Max Weber (1997), que defende a idéia de que há uma relação entre a lógica da imanência, o individualismo, e a motivação para o trabalho e a poupança. Propõe este autor, para tal, que olhemos para os seres humanos como animais constituído a partir de teias de significados que eles mesmos criaram (Geertz, 1989).

Para que a sociedade perceba o catador como um “*trabalhador como outro qualquer*”, conforme a fala de um deles, é preciso associar o trabalho de catação a significados sociais positivos. Há um aspecto de positividade e produtividade associado ao trabalho que remete diretamente ao modo como uma determinada sociedade o percebe enquanto atividade produtora de valores socialmente reconhecidos. Desta forma a atribuição de significados positivos ao trabalho com a catação, através de um discurso de defesa do meio ambiente, parece ser uma pré-condição para a inclusão simbólica daqueles envolvidos com esta tarefa. Pré-condição esta que apontaria para um processo positivo de construção social da identidade e de resgate da auto-estima. Embora os

catadores não consigam revelar de forma assertiva o peso que o estigma da sua profissão possa exercer, buscando o reconhecimento simbólico da atividade que exercem, é através deste reconhecimento que virá o seu ser um “*trabalhador como outro qualquer*” de fato.

Notas

1. Um bom exemplo é o que tem acontecido na Argentina, em que estimativas mostram não só, por um lado, a diminuição do consumo pela classe média, e conseqüente diminuição do lixo produzido, como, por outro lado, um aumento do número de catadores, fazendo com que menos lixo chegue aos aterros. (Valor/A14, 04/09, tirado do site: www.portalsaes.org.br). Dados de órgãos oficiais de estatística estimam que haja 155 mil catadores na Argentina, ao que eles chamam de *cartoneros*, sendo que, na cidade de Buenos Aires eles seriam cerca de 40 mil, tirando por volta de R\$ 10,00 por noite. (Billi, 2002).

2. Nome que eles dão ao carrinho através do qual carregam o papel.

3. Segundo Wiedemann (1998: 24), “Quanto maior o adensamento e menor o nível cultural, tanto maiores são as dificuldades para uma coleta seletiva eficiente. O abuso aumenta o anonimato”.

4. As primeiras cooperativas de produção no Brasil surgiram entre 1907 e 1911 e eram marcadamente agrícolas. Entende-se por cooperativa de produção aquelas que caracterizam-se “pela transformação que o cooperado impõe à matéria-prima que, depois de pronta é colocada à disposição da administração cooperativa para que seja comercializada”. (Teixeira, 2000:21)

5. “Empréstimo gratuito de coisa não fungível, que deve ser restituída no tempo convencionado pelas partes” (Houaiss, 2001).

6. Nem todas as cooperativas utilizam espaços cedidos pela prefeitura, algumas se instalaram em espaços do governo do estado, como é o caso da cooperativa do Castelo. Porém funciona segundo os mesmos preceitos das demais, a partir do proposto pela COMLURB.

7. Cooperação entre cooperativas: trabalho em conjunto por parte dos cooperados a nível das estruturas locais, regionais, nacionais e internacionais a fim de atender os interesses dos mesmos (Teixeira).

8. “Órgão superior na administração da cooperativa formada por cooperantes eleitos pelos demais associados com mandato nunca superior a quatro anos, responsável pela execução das propostas aprovadas pela assembléia geral.”(Teixeira, 2000:40)

9. O termo catador é dado aquele que vive exclusivamente desta tarefa. Os biscateiros foram aqui mencionados devido ‘a freqüência com que aparecera durante a observação de campo num dos núcleos da Coopersul.

10. Em entrevista realizada em setembro de 2002 na Diretoria da Zona Oeste – Campo Grande, Rio de Janeiro, RJ.

11. Neste local haveria dois tipos de catadores: o cooperado ou “pessoas de baixo” - que recebe cerca de dois salários mínimos, possui direito à aposentadoria, plano de saúde, SESI e usa equipamento de proteção trabalhando em área coberta - e os não-cooperados ou “pessoas de cima” – que não tem renda fixa, esta variando de acordo com o que encontram e vendem para os sucateiros, são desamparadas do ponto de vista do trabalho que realizam e do ponto de vista legal. (Feichas, 2001)

12. Os catadores, no Brasil, são considerados como os maiores responsáveis pelos altos índices de reciclagem de alguns materiais - latas de alumínio (73%) e papelão (71%) – colocando o país em posição de destaque no cenário mundial, sendo que as cooperativas vêm se transformando em empreendimentos cada vez mais rentáveis. (Cempre Informa, 2002)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BILLI, M. Grupos de moradores criam restaurantes populares. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 18, 24 nov. 2002.

BOLETIM DO CEMPRE – INFORMA. ano VIII, n. 50, mar./abr. 2000.

BRITO, E. **Programa Cooperativas de Catadores** (Balanço Sintético – 1993/2000). Diretoria de Serviços Oeste. Prefeitura COMLURB, Rio de Janeiro, fev. 2001.

BURKE, P. Uma história social do lixo. **Folha de São Paulo**. São Paulo. p. 15, 19 dez. 2001.

CASTEL, R. **As Metamorfoses da Questão Social**. Uma Crônica do Salário. Petrópolis, Vozes, 1998.

- CATADORES de Vida. **Publicação do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis e Fórum Nacional de Estudos sobre a População de Rua**. São Paulo. Edição 1/2002.
- CEMPRE INFORMA. **Reciclagem do lixo como oportunidade de negócios**. n. 66, nov./dez. 2002.
- DEJOURS, C. **A Loucura do Trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. São Paulo: Oboré, 1987.
- DOUGLAS, M. **Como as Instituições Pensam**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo., 1998.
- ECO, U. **Tratado Geral de Semiótica**. São Paulo, Perspectiva, 2000.
- _____. **A Estrutura Ausente**. São Paulo, Perspectiva, 1997.
- FEICHAS, S. A. Q. **Gestão do Ambiente**: Depósito e Tratamento de Resíduos Sólidos – Três Experiências. 2001. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso Gestão Ambiental II (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2001.
- FREIRE, V.T. Os catadores de papel. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 2, 24 nov. 2002.
- GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.
- GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. **Modernização Reflexiva. Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1995.
- HOUAISS, A. (Ed.). **Dicionário da Língua Portuguesa**. Co-editor Mauro Villar. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.
- IDEC EM AÇÃO. **Lixo: sociedade precisa produzir menos e reciclar mais**. 27 jan. 2003.
- LASCH, C. **A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LIPOVETSKY, G. **O Império do Efêmero**: a Moda e seu Destino nas Sociedades Modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MACCRACKEN, G. **Culture & Consumption**. Bloomington & Indianópolis: Indiana University Press, 1990.
- MILLER, D. (ed.). **Material Cultures: why some Things Matter**. Chicago: The University of Chicago Press, 1998.
- NORTH, D. **Institutions, Institutional Change and Economic Performance**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- PAREKH, B. **Rethinking Multiculturalism**. Cambridge, Harvard University Press, 2000.
- RODRIGUES, F.R.; GRAVINATTO, V.M. **Lixo - De onde vem? Para onde vai?** [resumo] Disponível em <<http://www.lixo.com.br>>. Acesso 15 out. 2002.
- RODRIGUES, J.C. **Higiene e Ilusão**: o lixo como invento social. Rio de Janeiro: NAU, 1995.
- SEN, A. **Development as Freedom**. New York: Alfred A. Knopf, 1999.
- SLATER, D. **Consumer Culture & Modernity**. Cambridge: Polity Press, 1997.
- SLATER, D. & F. Tonkiss. **Market Society**. Cambridge, Polity Press, 2001.
- TEIXEIRA, C.P. 2000. **Cooperativas de Profissionais de Saúde dos Serviços Municipais e Estaduais no Município do Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado. Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro, agosto de 2000.
- VALOR/A14, 04/09. **Miséria Eleva o Índice de Reciclagem na Argentina**. Disponível em <<http://www.portalga.ea.ufrgs.br>>. Acesso em fev. 2003
- WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. 12ª ed.. São Paulo: Pioneira, 1997.

WIEDEMANN, H.U. 1998. **Lixo na Alemanha: Aspectos Históricos, Técnicos e Culturais.** Palestra proferida no BDES, Rio de Janeiro, outubro de 1998. Tradução Emílio Eigenheer.